



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 18ª Feira da Indústria da Construção e
Iluminação**

São Paulo-SP, 06 de abril de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o nosso companheiro Michel Temer,
presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar o ministro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O ministro Paulo Sérgio de Oliveira, ministro dos Transportes,

A senadora Ideli Salvatti,

O senador Aloizio Mercadante,

O prefeito Gilberto Kassab,

Nosso companheiro Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do
Desenvolvimento,

O Juan Pablo de Vera, presidente da Alcântara Machado,

O senhor Cláudio Conz, presidente da Associação Nacional dos
Comerciantes de Material de Construção,

Cumprimentar o Melvyn Fox, presidente da Associação Brasileira da
Indústria de Material de Construção,

Cumprimentar o Dílson Ferreira, presidente da Associação Brasileira dos
Fabricantes de Tintas,

Cumprimentar o Reinaldo Pedro Correa, presidente do Sindicato do
Comércio Varejista de Material de Construção, Maquinismo, Ferragens, Tintas,
Louças e Vidros da grande São Paulo,

Cumprimentar o senhor Jair Saponari, diretor da 18ª Feira de
Construção e Iluminação, a Feicon,

Cumprimentar os arquitetos aqui presentes, os convidados estrangeiros,

E cumprimentar os nossos jornalistas,



Eu vou ser muito breve. Eu aprendi, na minha vida, que todo ser humano... é inerente ao ser humano, por isso que a gente fica gordo... é que quanto mais a gente come, mais a gente quer. E na nossa vida, seja empresarial, de trabalhadores, quanto mais a gente conquista, mais a gente quer conquistar.

É importante que a gente não deixe de lembrar, nunca, porque é importante fazer um pouco de política num encontro como este, qual era a nossa situação cinco ou seis anos atrás. De repente as pessoas esquecem do mundo que a gente veio, do mundo em que a gente está e do mundo que a gente quer ir. E vocês têm consciência de que este país teve o seu setor da construção civil praticamente deteriorado durante mais de 20 anos. Netinho, você que é novo na política, precisa saber que é exatamente no nosso governo que a Caixa Econômica bate recorde de construção de casas, e o presidente que tinha mais construído era o presidente Figueiredo. E no ano passado, nós batemos o recorde, que tinha sido ainda no governo Figueiredo, em mil novecentos e oitenta e alguma coisa. Nós saímos de um investimento de 5 bilhões da Caixa Econômica Federal em 2003, para um investimento de 45 bilhões em 2009 – nove vezes mais.

Então, é importante que a gente saiba que quando eu fiz o desafio para que a gente construísse 1 milhão de casas, eu tinha três objetivos: primeiro, acostumar o governo brasileiro de que era preciso ter coragem de ousar, de desafiar os empresários brasileiros a se prepararem para o crescimento econômico deste país. Porque a verdade também é que não estava preparado o governo, não estava preparada a Caixa e não estavam preparados os empresários para o montante de 1 milhão de casas neste país. Lembrem-se que nós lançamos o Programa no dia 26 de março do ano passado, e aí a gente começa a descobrir os problemas. O Marcio sabe que o primeiro grande problema que eu tive foi com a Caixa Econômica Federal. Era preciso



destravar toda uma burocracia feita num tempo em que as pessoas não podiam comprar casa e o governo não tinha capacidade de financiamento. Ao mesmo tempo, era preciso motivar os empresários brasileiros a acreditarem que aquele programa de 1 milhão de casas era verdadeiro e que, portanto, eles deveriam começar a se preparar para que a gente pudesse construir 1 milhão de casas. O Paulo Simão sabe: o primeiro setor que eu consultei foi o setor da construção civil, que me disse que estava preparado para construir 200 mil casas. E eu disse: 200 mil não é programa, isso qualquer um faz. Nós precisamos ousar e ousar significa a gente lançar o desafio, a gente se preparar, a gente apanhar, a gente aprender, para que este país mude de patamar.

Eu, sinceramente, sinceramente, eu cansei de ver o Brasil se portar como se fosse um país de segunda categoria. Tudo a gente achava que não podia fazer e tudo, quando não dava certo, se jogava a culpa em cima do governo. E como o governo também não fazia, ele também não falava nada e ficava todo mundo enganando todo mundo neste país.

Eu acho que o Brasil chegou a um momento histórico e um momento decisivo na sua vida. Este país precisa ser grande. Para ele ser grande, ele tem que ter empresas grandes. Para ele ser grande, ele tem que garantir certeza de que a pequena e média empresas brasileiras vão poder competir, em igualdade de condições, com qualquer outra empresa. Para isso nós precisamos ter crédito. Vocês estão lembrados que quando nós assumimos o governo, em janeiro de 2003, este país tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje nós temos 1 trilhão, 411 bilhões de crédito. Somente o Banco do Brasil hoje tem a mesma quantidade de crédito que tinha o Brasil o tempo inteiro. Vocês sabem que o BNDES, quando emprestava muito, emprestava R\$ 38 bilhões. Este ano, nós fechamos o ano com R\$ 139 bilhões. E vocês sabem que o cartão do BNDES ajuda tanto os setores de segmentos empresariais, sobretudo os menores. E nós sabemos que é preciso fazer muito mais e temos



perspectiva de financiar, este ano, R\$ 145 bilhões, a uma taxa de juros – TJLP –, Aloizio Mercadante, de 6%, e vocês sabem que muitos juros são de 1,5%, ao ano [mês], 0,8%, 0,9%.

Para que é que nós fizemos isso? Porque nós éramos uma sociedade em que nós nos tratávamos como sociedade capitalista, mas você não tinha capital e nem tinha financiamento. Não era possível um país capitalista viver sem crédito e sem capital. Isso mudou definitivamente. O paradigma deste país mudou. Quem vier a tomar posse na Presidência da República em janeiro de 2011 sabe que não existe mais espaço para pequenez política, não existe espaço para pequenos programas. Este país é grande e exige que os seus governantes pensem grande.

É por isso que eu lancei o PAC 2. Por que é que eu lancei o PAC 2? Para que o próximo presidente da República, Michel Temer, quem quer que seja – mulher ou homem, preto ou branco, católico ou evangélico –, não importa quem seja, mas ele sabe que vai encontrar o país mais preparado do que eu encontrei em 2003. Ele vai encontrar o país com uma prateleira de projetos, com uma prateleira de programas, com uma prateleira de propostas aprovadas no Orçamento da União que vai ser votado este ano. Ele não vai começar do zero como eu comecei. Ele vai começar com uma mesa de projetos que ele pode mudar ou não. Quem ganhar pode tudo. Por isso estamos fazendo em parceria com os prefeitos e com os governadores, para que não seja uma coisa do presidente Lula; que seja uma coisa da sociedade brasileira, que os empresários ajudaram e estão ajudando a construir. Este país precisa aprender a ser sério, porque nós só seremos respeitados aqui dentro e lá fora quando nós nos respeitarmos, quando nós tivermos coragem de olhar um para a cara do outro e dizer: “Cada um de nós está cumprindo com a sua função”.

É por isso que eu vim aqui. Eu vim aqui porque este setor é vital para o desenvolvimento deste país. Mas é vital, na medida em que o governo haja



com responsabilidade como estamos agindo, na medida em que este governo mostre que é capaz de anunciar um programa e contratar esse programa. Nós sabemos que, durante o processo do programa, nós temos que ir corrigindo ele, até que a gente atinja a perfeição quase que numa coisa automática: anuncia um programa e ele começa a acontecer. E eu sei que eu só posso cobrar de vocês, eu só posso cobrar de vocês modernização, investimento em inovação, se vocês tiverem a garantia de que o governo merece o respeito de vocês, e quando o governo abrir a boca vocês acreditarão, porque se um mentir para o outro este país não dá certo e é por isso que nós jogamos o século XX fora. Quando muitos cresceram, nós ficamos para trás.

A hora da verdade chegou para o nosso querido Brasil, e eu acho que não há mais tempo para que a gente duvide da nossa competência. Em 1974, o PMDB fez uma campanha aqui neste país, e é importante, Temer, você que é presidente do PMDB, lembrar: era a campanha da contestação, com o doutor Ulysses candidato a presidente da República; Quéricia foi eleito senador; foi o ano em que o PMDB elegeu 16 senadores neste país. Pois bem, naquele tempo a propaganda de televisão dizia que nós tínhamos um déficit habitacional de 7 milhões de casas. Não sei se estes cabelos brancos aqui estão lembrados disso. Não é possível que em 2010 a gente ainda continue com os mesmos 7 milhões de déficit habitacional. E vai perdurar até 2050 se a gente, um dia, não tiver coragem de fazer mais casas do que o crescimento demográfico deste país.

Então, quando nós anunciamos, no PAC 2, dois milhões de casas, é para quase fazer um autodesafio a vocês, aos varejistas, aos produtores, aos fabricantes, a todos aqueles que trabalham na construção, ao governo, ao sistema de financiamento do governo e à sociedade brasileira, para se prepararem para um país que quer ser a quinta economia mundial já em 2016. Quem sabe seja a grande medalha de ouro deste país, porque o Brasil precisa dela para que a gente se firme enquanto nação desenvolvida, enquanto nação



justa e enquanto nação que vai ocupar o seu espaço no Planeta.

É por isso que eu vim aqui, meus queridos companheiros, para dizer para vocês que não é apenas a satisfação de vir, é um desafio. Eu vim agora da Olimpíada da Matemática, no Rio de Janeiro, e por isso que eu cheguei atrasado. Lá eu vi um menino que é praticamente tetraplégico, numa cadeira de rodas, não mexe com as mãos. Ele já ganhou quatro vezes a medalha de ouro, quatro vezes a medalha de ouro em Matemática. Vocês já viram na televisão: esse menino ia para a escola sendo levado num carrinho de mão, desses de pedreiro, pelo pai dele. E esse garoto ganhou, quatro anos consecutivos, medalha de ouro em Matemática, ou seja, é um gênio, e hoje nós entregamos medalhas para 300 gênios. Deus queira que parte deles se forme engenheiro, porque neste país ninguém queria mais ser engenheiro porque a construção civil estava abandonada. Os poucos engenheiros que se formavam, iam trabalhar como analistas no sistema financeiro, e nós não poderemos ver este país crescer sem formar muitos engenheiros, e muitos mesmo.

Portanto, eu quero desejar a vocês duas certezas. As pautas de reivindicação que vocês levantaram aqui podem apresentar enquanto é tempo, porque eu nasci na política dialogando, eu aprendi apanhando, não foi fácil, e eu acho que não existe possibilidade de um governo fazer as coisas corretas se ele não tiver ouvidos para ouvir, se ele não sentar para conversar sem a arrogância daqueles que acham que, ao chegar ao governo, sabem tudo. É o ministro da Fazenda que sabe tudo, é o ministro do Planejamento que sabe tudo, é o ministro da Indústria que sabe tudo, e quando termina o mandato não fizeram nada. É melhor a gente conversar. Por isso que eu digo sempre que eu prefiro ser uma metamorfose ambulante, aprendendo a cada dia. Aprendendo a cada dia, conversando a cada dia e tentando aperfeiçoar. Quantas coisas nós aprendemos nas discussões com vocês e quantas coisas vocês aprenderam nas discussões conosco!

Então, eu acho, companheiros, vocês todos que participam da



construção civil, estejam certos de que eu tenho mais nove meses de governo, e enquanto eu for presidente da República, não faltará espaço para a gente discutir e construir porque é isso que vai fazer com que o Brasil cresça. Vocês não sabem o orgulho que eu tenho de estar fazendo casas para pessoas que ganham de zero a três salários mínimos, de três a seis. Mas, sobretudo, de zero a três. Porque quando veio a crise econômica deste país – que muitos setores vacilaram, guardaram dinheiro e não investiram, mesmo os setores da classe média alta, que pararam de comprar – quem sustentou o crescimento deste país foram as classes D e E, que foram às compras.

Portanto, nós temos que aprender uma lição: dar um pouquinho de salário para as pessoas que ganham menos, criar um Bolsa Família, aumentar o salário mínimo não é esmola. É conquista da cidadania, é levar os mais pobres a subirem no degrau da sociedade. Eu lembro sempre do velho Frias, dono da Folha de São Paulo, ele dizia para mim: “Lula, os do andar de cima não vão deixar você chegar lá”. Eu cheguei, e podia ter chegado sozinho, mas eu quero chegar e quero levar comigo os milhões de brasileiros que nasceram e que não tiveram chance de chegar ao andar de cima. Quando a gente construir essa sociedade, em que todos podem chegar lá em cima, podem ficar certos de que o Brasil estará entre as três nações mais importantes do mundo.

Boa sorte. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
